

Avaliação da relação ensino-aprendizagem do tema: “drogas” sob a ótica dos alunos do ensino fundamental de escolas públicas do município de Aracaju-SE

Wilson Romão Toledo da Silva
Tânia Maria de Andrade Rodrigues

Resumo: O consumo de drogas não é uma novidade na história humana. No entanto o consumo abusivo tem sido uma problemática da sociedade contemporânea e que ao atingir a escola compromete a formação da personalidade e da identidade do estudante. Visto isso, este estudo objetivou avaliar o perfil da relação ensino-aprendizagem do tema drogas em aulas de ciências, sob a ótica dos alunos de ensino fundamental de escolas públicas em Aracaju-SE, utilizando-se de uma metodologia qualitativa. Foram obtidos resultados expressivos os quais demonstram que a escola (no que se refere à abordagem do tema drogas nas aulas de ciências) não está sendo eficaz em informar e prevenir seus alunos acerca dessas substâncias e seus efeitos, sendo outros vetores de informação responsáveis pela maioria do conhecimento transmitido aos jovens. Com isso, o presente trabalho concluiu que, a realidade das escolas públicas de Aracaju-SE não se distanciam da vivida em grandes metrópoles do país, sendo que esta pesquisa pode ser usada como referência para a criação de medidas que visem à prevenção do uso e abuso de drogas nas escolas.

Palavras-Chave: Drogas; Escola; Ensino-aprendizagem.

Evaluation of the teaching-learning theme "drugs" from the perspective of elementary school students from public schools in the city of Aracaju-SE

Abstract: The consumption of drugs is not a newness in history human being, however the abusive consumption has been problematic of the society a contemporary and that when reaching the school compromises the formation of the personality and the identity of the student. Visa this, this study objectified to evaluate the profile of the relation teach-learning of the subject drugs in lessons of sciences, under the optics of the pupils of basic education of public schools in Aracaju-IF, using itself of a qualitative methodology. They had been gotten resulted expressive which demonstrates that the school (as for the boarding of the subject drugs in the lessons of sciences) is not being efficient in informing and preventing its pupils concerning these substances and its effect, being other responsible vectors of information for the majority of the transmitted knowledge to the young. With this, the present work concluded that, the reality of the public schools of Aracaju-If distance of the lived one in great metropolises of the country, not being that this research can be used as reference for the creation of measures that aim at to the prevention of the use and abuse of drugs in the schools.

Keyword: Drugs; School; Teach-learning.

1. Introdução

O consumo de drogas não é uma novidade na história humana, desde os primórdios, nossos antepassados fazem uso de substâncias que agem diretamente no cérebro, provocando alterações no comportamento dos indivíduos consumidores. No entanto, tais substâncias eram e ainda são, em muitas culturas, utilizadas de maneira coletiva, seja no trabalho, no lazer ou em rituais e festas (BRASIL, 1998).

Segundo Guimarães e colaboradores (2003), a existência, mais enfática de tipos diferentes de consumo em uma determinada época, se deve a fatores específicos do momento histórico em que se vive, ou seja, o consumo de drogas em demasia é um “sintoma” dos problemas das sociedades humanas.

O consumo de drogas não é uma novidade de fato (como já vimos), mas então qual o problema que norteia o consumo de drogas em nossa sociedade? Para responder a esta questão, precisamos apenas nos voltar às principais notícias da semana nos jornais e revistas, como enfatiza Rezende (2002), “(...) o fenômeno do uso, abuso e dependência de drogas é, com frequência, notificado e comentado pelos meios de comunicação”. Assim, o real problema está na forma com que as pessoas usam as drogas, caracterizando-se com isso abusos e dependências que são danosas, tanto aos usuários, quanto à família e, com certeza, à sociedade.

Visto isso, tornou-se necessário à sociedade combater a produção e venda das drogas que agora estão associadas à violência e ao crime. Entretanto, esse combate restringe-se às chamadas drogas ilícitas, deixando de lado as lícitas tão danosas quanto as primeiras. Ainda assim, o que se observa é um aumento das fronteiras de venda de drogas chegando até as escolas (ABRAMOVAY & CASTRO, 2005).

Dentro das escolas, as drogas podem fazer um estrago muito maior do que em qualquer outro lugar, pois vão atingir o indivíduo em sua formação. Segundo Brasil (1998) (Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN), é na infância e juventude que se inicia o consumo de diferentes drogas psicotrópicas. Este tipo de dado reforça a necessidade de se trabalhar com os jovens levando informações e dados de forma construtiva e contextualizada, e não no “discurso do terror” (REZENDE, 2002).

O trabalho com a criança e o jovem deve ocorrer na escola. Segundo Soares (1996) cabe à escola e ao professor a tarefa de prevenir o uso indevido de drogas e, em situações extremas, encaminhar ao médico ou à Justiça. Dessa forma, o professor e a escola devem-se utilizar das ferramentas e de informação cabíveis, distanciando-se o máximo, segundo Rezende (2002), da discussão acalorada, emocionada, ideológica, aliada à pouca disponibilidade de conhecimento científico confiável ou baseados na valorização do medo coletivo que as drogas geram.

Para Soares (1996), a escola na forma do professor, e neste caso em especial o professor de Ciências, deve indagar: Será que alguém pensa na maioria dos alunos que não usam drogas, diante de um que usa? Será que as palestras ou os recursos usados para alertar acerca dos perigos das drogas surtem o efeito desejado? Será que o fato de a escola não exercer sua função de integrar a personalidade pode ser um fator motivante para o uso das drogas? Assim, torna-se necessário refletir no papel da escola e do professor no que se refere à abordagem do tema drogas em sala de aula e selecionando métodos eficazes para fazer esta abordagem.

Pouco se conhece sobre a relação ensino-aprendizagem no tocante à abordagem do tema “drogas”, principalmente em matérias como ciências no ensino fundamental, levando-se em consideração a escassez de trabalhos que têm sido produzidos nesse âmbito.

Baseando-se nisso, o presente trabalho justifica-se por constituir um instrumento de avaliação do perfil da relação ensino-aprendizagem em aulas de ciências, sob a ótica dos alunos de ensino fundamental de escolas públicas em Aracaju-SE, de maneira que se possa averiguar como está se dando essa relação. O que é entendido pelos alunos e, o que, na opinião dos alunos, poderia ser feito pela escola para melhorar a relação ensino-aprendizagem no que se refere ao tema “drogas”. Visando, com isso, fornecer dados e propostas que possibilitem ao professor responder algumas das indagações feitas por Soares (1996), ou que possam surgir no decorrer de sua atividade docente.

2. Metodologia

O presente estudo adotou uma abordagem metodológica qualitativa, para avaliar um perfil da relação ensino-aprendizagem do tema “drogas”, em aulas de ciências, sob uma ótica dos alunos de ensino fundamental de escolas públicas de Aracaju-SE.

2.1 Área de desenvolvimento das atividades

As atividades deste trabalho foram realizadas em seis (06) escolas públicas de ensino fundamental da cidade de Aracaju-SE. Para tanto, a cidade foi dividida em três (03) grandes áreas: zona norte, centro oeste e sul, como delimitadas na figura 1. Sendo assim, as escolas foram escolhidas de forma aleatória, num total de duas (02) para cada zona da cidade como demonstrada na figura. As escolas escolhidas foram: Colégio Estadual Presidente Castelo Branco; Colégio estadual Governador Valadares; Escola Estadual Tobias Barreto; Escola Estadual General Valadão; Escola Estadual Dr^a. Maria do Carmo Alves; Colégio Estadual Barão de Mauá, correspondendo, respectivamente, as zonas supracitadas.

A divisão da cidade em três (03) zonas se deu para facilitar a cobertura homogênea (da mesma) sem privilegiar regiões.

Figura 1: *Mapa da cidade de Aracaju.* Dividida em três zonas (linhas pretas horizontais), além de indicar a localização das escolas visitadas (pontos vermelhos) durante o estudo. Fonte: O mapa foi retirado do site Google maps (<http://maps.google.com.br/maps?ct=reset>) e modificado conforme autorização do termo de uso disponível no próprio site.

2.2 Avaliação dos alunos

Essa etapa consistiu na aplicação de um questionário de múltipla-escolha (anexo I) com os alunos das escolas escolhidas. O instrumento elaborado consta de nove (09) perguntas objetivas que buscaram entender se o aluno sabe o que são drogas, a frequência com que o tema é mencionado nas

aulas de ciências (principalmente), a proximidade dos alunos para com as drogas, seja através do consumo ou de relações com consumidores, e as críticas dos alunos sobre a discussão do tema “drogas” em suas escolas.

3. Resultados e Discussão

Neste trabalho, foram respondidos 305 questionários, por alunos do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental II da rede pública, estando à maioria dos alunos no 9º ano como mostrado na Figura 2, os alunos foram submetidos ao questionário na sala de aula durante o período de 20/08/2009 à 20/10/2009.

Figura 2: *Distribuição por série dos alunos amostrados.*

A faixa etária dos alunos envolvidos nesta pesquisa, mostrada na Figura 3, oscilou de 5 a 21 anos, sendo a faixa de 13 aos 15 anos a de maior ocorrência, no entanto, as faixas 9 aos 12 anos e 16 aos 18 anos empataram cada uma com 23% dos alunos, compondo uma parcela significativa dos entrevistados e estando de acordo com Galdurós *et al.* (2004), Figueiredo (2002), Abramovay & Castro (2005), Farias (2001) e Guimarães *et al.* (2004), os quais destacaram em seus estudos, que o intervalo etário de 13 a 18 anos predomina entre os estudantes que colaboraram com suas pesquisas.

Segundo Guimarães *et al.* (2004), nas idades acima de 16 anos, o consumo de droga é maior o que, para ele, pode se dar mediante maior disponibilidade de recursos financeiros, já que, durante a realização do estudo, muitos entrevistados nessa faixa etária alegaram trabalhar.

Figura 3: *Distribuição por faixa etária dos alunos.*

No V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras feito por Galdurós *et al.* (2004), mostrou-se que, em Aracaju, nas faixas de 13 a 15 anos e de 16 a 18 anos o *uso na vida* de drogas é de 13,7% e 22,4% dos alunos consultados, respectivamente, caindo para 10,6% e 17,8% para o *uso no ano* - entende-se por *uso na vida* e *uso no ano* o consumo de drogas pelo menos uma vez na vida e o usufruto (da mesma) nos últimos doze (12) meses, respectivamente.

De maneira geral, podemos afirmar, baseando-nos nos autores supracitados que a relação direta e até o consumo de drogas fazem parte do cotidiano (abordaremos, mais adiante, a relação direta dos alunos com as drogas) de uma faixa considerável dos alunos de escolas públicas em, praticamente, todas as regiões da capital sergipana.

Esses “contatos” cada vez mais cedo nos alertam, segundo Abramovay & Castro (2005), para a importância da escola e dos educadores, que precisam cada vez mais conhecer a teia de complexidades que os envolvem e as medidas que estão ao alcance da instituição escolar em sua missão formadora e educadora. Assim, cabe aos educadores (pais ou responsáveis), professores e profissionais de ensino (comitê pedagógico, coordenação pedagógica, entre outros) agir de forma preventiva no intuito de diminuir os danos que as drogas possam vir a causar ao jovem em formação (ABRAMOVAY & CASTRO, 2005; FIGUEIREDO, 2002; MOREIRA *et al.*, 2006).

Deste modo, o professor de ciências, tem a responsabilidade de uma abordagem mais aprofundada e completa sobre o tema transversal (não estamos, neste trabalho, desqualificando outras disciplinas escolares ou sobrecarregando o professor de ciências de uma tarefa árdua, entretanto a constante oportunidade de inserir o tema drogas no conteúdo de classe e contextualizá-lo, é mais corriqueira ao professor de ciências que a qualquer outro).

Baseando-se no que fora dito acima a figura 4 vem mostrar, segundo os alunos, a abordagem do tema drogas em aulas de ciências, ressaltando-se que “abordagem” constitui qualquer forma ou tentativa do professor de falar, explicar ou colocar o tema em aula, possibilitando ao aluno uma associação mínima que o leve a uma resposta afirmativa.

Figura 4: *Percentual da abordagem do tema drogas nas aulas de ciências baseado na repostas dos alunos amostrados.*

A figura 4 demonstra que, as respostas positivas, ou seja, “sim”, mesmo somadas, não ultrapassam o “não”, que obteve 57,3% contra 40,6% do primeiro. Esses dados indicam que eventos casuais, os quais podem estar atrelados: a uma notícia de jornal trazida à sala; a um trabalho; uma

discussão casual de sala não programada. Esses eventos casuais podem ser mais interessantes ao aluno devido à informalidade e a ausência do “discurso do terror”, destacado por Rezende (2002).

No entanto, dados divergentes dos mostrados na figura 4 foram obtidos por Farias (2001), o qual demonstrou que 68% dos estudantes que participaram de seu estudo afirmaram que os professores conversavam sobre drogas durante suas aulas, contra 32% dos que não o faziam. Contudo, o estudo de Figueiredo (2002) demonstrou que uma parcela considerável dos alunos (32%) desconhece os efeitos provocados por drogas como LSD, Heroína, rousinol, raxixe, injetáveis, anfetaminas, sedativos, remédios, pó, xaxim, traque, ecstasy, ópio e thiner. Comparando-se os dados desses dois estudos com os da figura 4, podemos supor que o diálogo professor\aluno, dentro ou fora da sala de aula, pode estar se dando de forma insuficiente para gerar uma relação de ensino-aprendizagem com formação de conhecimento por parte do aluno, ou ainda, a forma pela qual esse diálogo é realizado não se dá de maneira interessante para o aluno.

Vários podem ser os fatores que podem levar os professores a se omitirem diante dos alunos no que diz respeito às drogas. No estudo de Moreira *et al.* (2006), realizado através de entrevistas semi-estruturais de profissionais de ensino com experiência de coordenação pedagógica, apontaram-se os fatores mais comuns para a omissão dos professores, os quais foram: o acúmulo de trabalho; falta de tempo e; despreparo dos professores para compreender o aluno e seu universo cultural, resultando em dificuldades na relação do professor com o aluno.

Paradoxalmente ao que se vem demonstrando anteriormente neste trabalho, mais de 60% dos alunos que se voluntariaram afirmam que as drogas fazem mal a saúde e que podem levar a morte e mais de 25% salientam que essas substâncias têm a capacidade de deixar as pessoas diferentes de seu estado “normal”, enquanto que as alternativas restantes somadas não chegam a 10% dos alunos consultados, como exposto na figura 5 abaixo.

Figura 5: *Percentual dos efeitos das drogas na opinião dos alunos.* As percentagens desta figura foram construídas com base em 423 itens marcados, já que o aluno questionado poderia marcar mais de um item.

A Figura 6 mostra-nos que conceitos simples inerentes ao tema drogas são amplamente desconhecidos pela maioria dos estudantes, dos quais 62,62% desconhecem o conceito de drogas ilícitas, as quais têm alta periculosidade.

Figura 6: *Índice dos alunos que afirmam saber o que são drogas ilícitas.*

Esses números levam a seguinte indagação: Como os alunos que, em sua maioria, não dispõem de espaço de debate sobre o tema em suas escolas e, segundo Farias (2002), nem em suas casas, (em seu estudo, Farias constatou que a maioria dos pais dos alunos consultados (53%) não conversava com seus filhos sobre drogas) podem ter uma noção de que as drogas modificam seus consumidores, podendo prejudicá-los e até matá-los?

As tabelas 1 e 2 podem ajudar a responder à questão levantada acima, essas tabelas indicam, respectivamente, o índice de relação direta dos alunos com as drogas e o percentual dos vetores de informação pelos quais os alunos questionados ouvem falar das drogas. Primeiramente, é importante explicar que, neste trabalho, a relação direta do aluno com as drogas foi interpretada a partir do consumo do próprio aluno ou de indivíduos que se relacionem diretamente com ele sendo por laços de amizade ou de parentesco. Em segundo lugar, torna-se importante esclarecer que os vetores de informação podem ser desde o próprio professor até um amigo, pai, livro, noticiário, entre outras formas de transmitir a informação.

Tendo isso em mente, podemos observar que, na tabela 1, embora a maioria dos alunos afirme não consumir ou conhecer alguém que faça uso de drogas (ver anexo) (56,39%) é inegável que um número expressivo (41,98%) afirme que já teve contato com drogas, ou seja, os efeitos dessas substâncias são vistas de perto por esses alunos.

Tabela 1: *Índice da relação direta dos 305 alunos amostrados com as drogas.*

A tabela 2 nos mostra que vários são os veículos de informação que podem ter levado, aos alunos, muitas das informações que os mesmo conheciam ao responder algumas das perguntas solicitadas, A proximidade dos alunos para com as drogas também é inegável já que 20,82% alegaram obter muitas

informações por intermédio dos amigos, mas é a televisão que sustentou o índice mais elevado com 41,98%. Muito embora os veículos de comunicação como a televisão facilitem a difusão da informação, estes mesmos veículos não estão preocupados com a qualidade ou nível de detalhes (da mesma), fazendo uso, na maioria das vezes, do “discurso do terror”.

As figuras 5 e 7 reforçam o que fora dito anteriormente a medida que a maioria dos alunos participantes deste estudo desconhecem quais os efeitos das drogas sobre seus usuários (figura 5) e ao apontar exemplos dessas substâncias, desconsideram ou não reconhecem como drogas a cachaca e o charuto (figura 7), as quais geram danos à saúde com o uso prolongado, além de estarem relacionadas diretamente com acidentes de trânsito, entre outros incidentes, que podem levar até a morte e somam grandes gastos para a saúde pública anualmente.

Tabela 2: *Percentual dos vetores de informação, formais ou informais, pelos quais os 305 alunos amostrados alegam ter ouvido falar sobre o tema drogas.*

A figura 7 ao ser comparado com as tabelas 1 e 2 e a figura 6 (as percentagens das tabelas 2 e figura 7, foram construídas com base em 605 itens marcados, mediante a marcação, de mais de um item, pelos alunos) demonstra que os vetores de informação (a televisão e amigos, principalmente) levam para os alunos informações incompletas, já que os alunos têm conhecimento da existência de substâncias como o Ecstasy ou LSD (embora em menor proporção, 4,51%), além dos efeitos de algumas drogas e até de seu perigo a saúde, mas por outro lado não lhes confere informações com conceitos de drogas lícitas e ilícitas ou esclarecem suas dúvidas.

Figura 7: *Percentual das substâncias que, na opinião dos alunos amostrados, são drogas.*

Na área de educação de jovens, a figura 7 ainda demonstra que os estudantes não consideram o álcool (2,5%) (aqui descrito como cachaca) uma droga; entretanto, o cigarro (11,53%) destaca-se superando até o LSD, várias podem ser as razões para isso, a exemplo das campanhas amplamente divulgadas na televisão contra o uso de cigarro. Em se tratando de álcool e cigarro, segundo Farias (2001), “(...) a sociedade aceita e tolera o consumo dessas substâncias”, no entanto, o cigarro em nossa pesquisa já é amplamente visto como uma droga podendo-se constatar que a influência dos vetores de informação (principalmente a televisão) tem grande peso nesse resultado.

Por fim, a tabela 3 (as percentagens desta tabela foram construídas com base em 615 itens marcados, devido a marcação de mais de um item) vem tratar da opinião dos alunos sobre ações ou melhorias que poderiam impulsionar uma abordagem prática e aceitável sobre as drogas no ambiente escolar. Conforme mostrado na tabela os alunos optaram, em sua maioria (34,79%), pela promoção de palestras e eventos nas escolas sobre o tema, o que destaca a necessidade de uma abordagem mais detalhada sobre essas substâncias tendo em vista a carência, por parte do aluno, de informações mais completas.

Tabela 3: *Índice percentual dos 305 alunos amostrados de melhorias ou ações que, podem contribuir para uma melhor abordagem do tema drogas no ambiente escolar.*

Em segundo lugar com 25,36%, os estudantes alegam a carência de um espaço maior de debates e esclarecimento de dúvidas acerca do tema, o que nos chama a atenção para a falta de informalidade no espaço escolar, o que dificulta ao aluno discutir e tirar dúvidas sem “medo”. Seguindo o raciocínio de Rezende (2002) e Guimarães *et al.* (2004), isto se dá, pois, é necessário que a escola e o profissional de ensino abandonem o “discurso do terror”, promovendo um debate baseado na troca de informações confiáveis, prezando o desenvolvimento de ações preventivas específicas aos diferentes grupos de alunos e destacando o valor da saúde e do respeito a vida. Só assim a escola, como formadora da identidade socioeconômica e psicológica, pode minimizar o problema das drogas de maneira eficaz.

4. Conclusão

As informações aqui reveladas contribuíram para a construção de um panorama da relação ensino-aprendizagem no que se refere à abordagem do tema “drogas” em escolas públicas de Aracaju-SE. Destacando-se nesse panorama o pouco diálogo efetivo entre o professor e o aluno, sendo esse diálogo incapaz de gerar no aluno um conhecimento mínimo sobre o tema.

Haja vista que a realidade aracajuana não está muito distante da encontrada em grandes metrópoles do país, pode-se utilizar este estudo como referência para a construção de estratégias como: (1) a formação de eventos escolares específicos para o tema; (2) a realização de atividades em sala de aula que promovam uma discussão informal entre o professor e o aluno, buscando o esclarecimento de dúvidas e o estreitamento da relação professor/aluno e; (3) trazer de maneira mais agradável e informal o tema para a sala de aula, fazendo uso de informações dos principais vetores de informação utilizados pelos alunos.

Visa-se, desta forma, através da educação, prevenir o uso e abuso de drogas por alunos do ensino fundamental, orientando essa população sobre as consequências do consumo dessas substâncias.

Referências

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. *Drogas nas escolas: versão resumida*. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 143p (2005).

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. p 436.

FARIAS, S. A. *O uso de drogas por estudantes do ensino fundamental (5ª a 8ª) nas escolas municipais de Aracaju-SE*. Monografia de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2001. 29p.

FIGUEIREDO, M. de J. *Incidência do uso de drogas por alunos do Ensino Fundamental nas escolas públicas do bairro Grageru, Aracaju/SE*. Monografia de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2002. 24p.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A.; FONSECA, A. M. V *Levantamento sobre o consumo de drogas psicoativas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio nas 27 capitais brasileiras - 2004*. São Paulo: CEBRID/ Unifesp (2004).

Google maps®. Disponível em <<http://maps.google.com.br/maps?ct=reset>> acessado em 20/11/2009 as 15:47.

GUIMARÃES, J. L.; GODINHO, P. H.; CRUZ, R.; KAPPANN, J. I. e JUNIOR, L. A. T. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Saúde Pública*. 38(1): 130-132 (2004).

MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X.; ANDREOLI, S. B. Situações relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas públicas da cidade de São Paulo. *Rev Saúde Pública*, 40(5): 810-7 (2006).

REZENDE, M. M.. A Escola e a Prevenção do Uso de Substâncias Psicoativas: aspectos do hiato entre o alarme e as ações. *Integração Ensino-Pesquisa-Extensão*. 28: 12-14 (jan. 2002).

SOARES, G. M. P. A Questão da Droga na Escola. *Série Idéias*. 29: 137-148 (1996).

Wilson Romão Toledo da Silva. Mestre em Biotecnologia pela UFS - Sergipe. Membro do grupo de pesquisa em Imunoterapia e imunologia.
E-mail: wilsonufs@hotmail.com

Tânia Maria de Andrade Rodrigues. Doutora em Ciências da Saúde pela UNB – Brasília. Docente do Departamento de Morfologia da Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil.
E-mail: tmarodrigues@infonet.com.br